



Contribuições teórico-metodológicas de Michel de Certeau acerca do esquema polemológico para a análise sócio-espacial das práticas cotidianas

Theoretical-methodological contributions of Michel Certeau about the polemolological scheme for a socio-spatial analysis of everyday practices

Aportes teórico-metodológicos de Michel de Certeau sobre el esquema polemológico para un análisis socio-espacial de las prácticas cotidianas

GREGÓRIO, Maycow Nathan¹

GIORGIANO, Isabela²

¹Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano, Curitiba, Paraná, Brasil.
maycow.arq@gmail.com
ORCID ID: 0000-0003-3014-5406

²Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
mariana.souza@fau.ufrj.br
ORCID ID: 0000-0003-3001-289X

Recebido em 25/04/2022 Aceito em 07/09/2022



Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla de caráter exploratório, delineada por meio de estudo bibliográfico e sob consulta de fontes secundárias, acerca das contribuições teórico-metodológicas de autores, críticos e teóricos da vida cotidiana, no que se refere às leituras e apreensões da produção-reprodução sócio-espacial e cotidiana nas cidades. Neste sentido, o objetivo é compreender o modo como Michel de Certeau apreende a produção-reprodução do homem cotidiano (como fonte de revelação do social e do espacial), buscando-se sistematizar as principais categorias, esquemas conceituais, princípios operatórios e fundamentos teórico-metodológicos acerca do seu esquema polemológico das práticas sócio-espaciais cotidianas. As reflexões críticas incidem sobre como o uso e apropriação, realizados e fabricados por meio das práticas cotidianas, afetam e modificam (com astúcia) a reprodução e a produção das relações sociais e dos modos de vida no interior de um espaço social, cultural, habitado, praticado e/ou vivido.

Palavras-Chave: análise polemológica; práticas sócio-espaciais; pesquisa sócio-espacial; estudos da vida cotidiana; Michel de Certeau.

Abstract

This report is part of a broader research of an exploratory nature, designed through a bibliographic study and under consultation of secondary sources, about the theoretical-methodological contributions of authors, critics and theorists of everyday life, with regard to readings and apprehensions of socio-spatial and everyday production-reproduction in cities. In this sense, the objective is to understand the way in which Michel de Certeau apprehends the production-reproduction of everyday man, seeking to systematize the main categories, conceptual schemes, operating principles and methodological theoretical foundations about his polemological scheme of everyday socio-spatial practices. Critical reflections focus on how use and appropriation, carried out and manufactured through everyday practices, affect and modify (with cunning) the reproduction and production of social relations and ways of life within a social, cultural, inhabited, practiced and/or lived space.

Key-Words: polemological analysis; socio-spatial practices; socio-spatial research; everyday life studies; Michel de Certeau.

Resumen

Este trabajo forma parte de una investigación más amplia de carácter exploratorio, diseñada a través de un estudio bibliográfico y bajo consulta de fuentes secundarias, acerca de los aportes teórico-metodológicos de autores, críticos y teóricos de la vida cotidiana, en lo que se refiere a lecturas y apreensiones de la producción-reproducción socio-espacial y cotidiana en las ciudades. En este sentido, el objetivo es comprender la forma en que Michel de Certeau aprehende la producción-reproducción del hombre cotidiano, buscando sistematizar las principales categorías, esquemas conceptuales, principios de funcionamiento y fundamentos teórico-metodológicos sobre su esquema polemológico de las prácticas socio-espaciales cotidianas. Las reflexiones críticas se centran en cómo el uso y la apropiación, realizados y fabricados a través de las prácticas cotidianas, afectan y modifican (con astucia) la reproducción y producción de relaciones sociales y modos de vida dentro de un espacio social, cultural, habitado, practicado y/o vivido.

Palabras clave: análisis polemológico; prácticas socio-espaciales; investigación socio-espacial; estudios de la vida cotidiana; Michel de Certeau



1. Introdução

Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla de caráter exploratório, delineada por meio de pesquisa bibliográfica e sob consulta de fontes secundárias, acerca das contribuições teórico-metodológicas de autores, críticos e teóricos da vida cotidiana, no que se refere às leituras e apreensões da produção-reprodução sócio-espacial e cotidiana nas cidades. O campo de estudos da vida cotidiana oferece à essa questão alguns aportes que corroboram com uma perspectiva crítica, considerando dois aspectos como ponto de partida: (i) a emergência do tema e do problema da vida cotidiana está imbricada com o campo ampliado da arquitetura e urbanismo, suas conexões com as ciências sociais e humanas, os estudos de economia política, culturais, etnográficos e cartográficos, a pesquisa sócio-espacial etc.; (ii) pode desempenhar um papel fundamental na compreensão dos modos de vida, constituindo-se em dimensão da análise das disputas e tensões presentes nos discursos, representações, usos, produção e reprodução do espaço-tempo e das práticas sócio-espaciais, além de dinâmicas, fenômenos e transformações que passam as cidades ao longo da história.

Compartilha-se da ideia de que a vida cotidiana foi se tornando indispensável para a arquitetura e urbanismo, para a investigação dos processos urbanos e do quadro de vida nas cidades (WALKER, 2010). Ela é compreendida na tessitura da práxis social, cultural, simbólica e espaço-temporal dos indivíduos (enquanto sujeitos, grupo e sociedade). Firmou-se como uma categoria analítica e um campo multidisciplinar de estudos, representando uma “alavanca metodológica do conhecimento” (PAIS, 2003, p. 11). Seu lastro na arquitetura pode ser identificado, principalmente, a partir da década de 1950 com a crítica generalizada à arquitetura e urbanismo modernos¹. As abordagens em torno dela articulam-se por meio de diferentes objetivos e disciplinas que, ao penetrarem o campo da arquitetura, recolocam para ele a condição da “alteridade”, isto é, reclamam os objetos que eram mantidos fora do seu território, posicionando-se contra aqueles que definem seus limites (WALKER, 2010, p. 7). Isso tem culminado no desenvolvimento de uma postura crítica e de uma prática orientada à análise e transformação do contexto de produção-reprodução material e imaterial das cidades, dos espaços e tempos da vida.

Para situar o fim geral deste trabalho consideram-se os quatro momentos produtivos identificados por Walker (2010, p. 9) e que tomam o cotidiano como objeto de investigação, representados pelos trabalhos que: (i) convocam a examinar o cotidiano; (ii) convocam a desenvolver meios para examinar o cotidiano; (iii) examinam o cotidiano; (iv) ao examinar o cotidiano, formulam conceitos. O percurso aqui traçado está compreendido entre os dois primeiros momentos, em que é possível tanto legitimar a importância do cotidiano como uma dimensão da teoria e da prática da arquitetura e urbanismo, quanto indicar alguns meios (fundamentos e ferramentas teórico-metodológicos) que permitam sua leitura e apreensão.

Nesse sentido, o trabalho aporta-se diretamente nas contribuições do historiador francês Michel de Certeau, mais especificamente em sua obra *A invenção do cotidiano (tomo I e II)*², em que é possível

¹ Walker (2010) mostra o desenvolvimento teórico e prático na arquitetura cuja estruturação parte do cotidiano como um denominador comum, visando um conjunto de relações que apropriam e instrumentalizam determinadas categorias em torno da vida cotidiana, como as noções de contexto, vernacular, popular, banal, paisagem etc.

² Michel de Certeau é o principal responsável por essa obra, mas também obteve aportes de Luce Giard e Pierre Mayol como corresponsáveis pela autoria do segundo tomo. Ela se viabilizou por meio de um programa de pesquisa que teve seu projeto realizado entre 1974 e 1979, a pedido do Serviço de Estudos e Pesquisas da Secretaria de Estado da Cultura do governo francês em vigor naquela época. A empreitada teórica de Certeau compreendia o questionamento do que eram o consumo cultural e as operações dos usuários na construção ou invenção do cotidiano.



não só extrair a qualidade do seu pensamento urbanístico, como também identificar um ponto de vista específico (e crítico) sobre a compreensão das práticas cotidianas que se territorializam nas cidades e que se constituem em espacialidades, temporalidades e subjetividades dos homens comuns, ordinários. Seu trabalho é estratégico por reunir qualidades tanto da pesquisa sócio-espacial quanto dos estudos da vida cotidiana, mantendo essa última como a dimensão pela qual se lê e apreende o mundo e a realidade urbana. Seu pensamento crítico sobre a produção-reprodução sócio-espacial das práticas cotidianas realiza-se por meio da análise polemológica dessas práticas, cujos fundamentos e desdobramentos são o foco desta pesquisa.

De outra parte, é importante destacar que o emprego que se faz aqui da grafia sócio-espacial faz referência aos esforços de Souza (2018, p. 12) em construir um conceito³ que abarca um tipo de investigação científica em que as relações sociais e o espaço são, ambos, “devidamente valorizados entre si”⁴. Como observa Kapp (2018, p. 223-224), este conceito (teórico) de sócio-espacial sintetiza um raciocínio (teórico) entre espaço e nexos social, articulando-se de forma “necessária e dialética” – primeiro, porque é próprio da existência e, segundo, porque se realiza como processo. Tendo esse quadro como horizonte, um outro ponto de vista sugere que as pesquisas sócio-espaciais e o campo de estudos da vida cotidiana se imbricam diretamente, “beneficiando um ao outro e contribuindo com as análises e leituras da realidade urbana” (GREGÓRIO, p. 36), podendo favorecer a arquitetura e o urbanismo com subsídios teóricos, reflexivos, analíticos, e ferramentais.

Dessa forma, a vida cotidiana é tomada como um “*locus* privilegiado de análise”, como o “lugar revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação das sociedades e de determinados conflitos que opõem os agentes sociais” (Pais, 1986, p. 8). Portanto, o cotidiano não só expressa o social nas suas relações de contexto e interações, mas é “uma fonte de revelação do social” (PAIS, 2013, p. 111). Assim como ocorre com a pesquisa sócio-espacial, o campo de estudos da vida cotidiana busca não fragmentar e dissociar a ligação entre as relações sociais de produção-reprodução, suas formas de sociabilidade e a constituição de espacialidades e temporalidades da experiência e vivência cotidianas, essencialmente vinculadas à realidade urbana e às cidades (GREGÓRIO, 2021).

Sendo assim, a fim de compreender o modo como Certeau (2014a; 2014b) apreende a produção-reprodução do homem cotidiano (como fonte de revelação do social e do espacial), este trabalho busca sistematizar as principais categorias, esquemas conceituais, princípios operatórios e fundamentos teórico-metodológicos acerca do seu esquema polemológico de análise das práticas sócio-espaciais cotidianas. Com esse objetivo, a pesquisa agrega um caráter analítico e sintético.

³ Aqui, os conceitos são entendidos como “unidades explicativas fundamentais, [...] constitutivas de qualquer construção teórica [...] e nutridas pelas abordagens teóricas, as quais lhes garantem coerência” (SOUZA, 2018, p. 9).

⁴ Ao explorar a diferença de sentidos entre as grafias *socioespacial* e *sócio-espacial*, Souza (2018, p. 14) compreende que quando se faz referência ao espaço social (produzido pela sociedade) lida-se com um de seus aspectos que é a sua materialidade, reportando-se por exemplo à estrutura socioespacial – sem hífen, “o social meramente qualifica o espacial” –, sem fazer referência às relações sociais que o produziram. Nesse caso, trata-se mais de uma radiografia das formas ou estruturas socioespaciais que “sugere um *continuum* automático: socioespacial” (KAPP, 2018, p. 224). Por outro lado, uma abordagem sócio-espacial leva em consideração não apenas a estrutura socioespacial, mas também as interações e relações sociais concretas, no seio de uma espacialidade determinada – daí o *sócio-espacial*, “no qual o ‘sócio’, longe de apenas qualificar o ‘espacial’, é, para além de uma redução do adjetivo ‘social’, um indicativo de que se está falando, direta e plenamente, também das relações sociais” (SOUZA, 2018, p. 16).



2. A cidade vista a partir da produção dos consumidores

Para Certeau (2014a), a transformação do fato urbano em conceito de cidade fez com que essa última, antes mesmo de fazer referência à uma figura da história, se conectasse ao tratamento e à representação do fato urbano como dependente de uma racionalidade urbanística – uma espécie de unidade própria. Em função disso, a cidade tornou-se um conceito operatório relacionado à organização “especulativa e desclassificatória dos lugares”, em que se combinam gestão e eliminação: de um lado, “a diferenciação e a redistribuição funcional da cidade” – por meio de inversões, deslocamentos, acúmulos, centralizações, dispersões etc. –, de outro, a rejeição de “tudo que não é tratável” pela administração e planificação racionalista, funcionalista, burocrática e estratégica – aquilo que se constitui em resíduo, anormalidade, desvio, doença, precariedade, subdesenvolvimento etc. (CERTEAU, 2014a, p. 160).

Essa operatividade do conceito de cidade se estende ao urbano e atualiza (recorrentemente) a racionalização, a organização funcionalista e o sistema de lucro sobre o espaço urbano (CERTEAU, 2014a). Isso ocorre, por exemplo, toda vez que o discurso urbanístico e o discurso utópico instauram um modelo ou uma representação de cidade que se presta a:

[...] (1) produção de um espaço próprio: a organização racional deve, portanto, recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam; (2) [...] um não-tempo ou um sistema sincrônico, para substituir as resistências inapreensíveis e teimosas das tradições: estratégias científicas unívocas, possibilitadas pela redução niveladora de todos os dados, devem substituir as táticas dos usuários que astuciosamente jogam com as “ocasiões” e que, por esses acontecimentos-armadilha, lapsos de visibilidade, reintroduzem por toda a parte as opacidades da história; (3) [...] a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade: como seu modelo político, o Estado de Hobbes, pode-se atribuir-lhe pouco a pouco todas as funções e predicados até então disseminados e atribuídos a múltiplos sujeitos reais, grupos, associações, indivíduos. “A cidade”, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. (CERTEAU, 2014a, p. 160)

Esta noção de cidade-conceito (operatória) é definida por Certeau (2014a, p. 161) como o “lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções”, cujo atributo é ser, ao mesmo tempo, “a maquinaria e o herói da modernidade”. Por meio dessa expressão (do discurso) e de um conjunto de ações (da produção estratégica) a “linguagem do poder se urbaniza” e a cidade se vê em meio a movimentos contraditórios: se por um lado ela serve de “baliza ou marco totalizador e quase mítico” para as estratégias socioeconômicas e políticas, por outro, a vida cotidiana deixa sempre em relevo aquilo que o projeto arquitetônico e urbanístico exclui (CERTEAU, 2014a, p. 161). A aliança entre cidade e conceito, longe de explicitar a real história e a racionalidade urbanística, joga com sua progressiva simbiose – “planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular” (CERTEAU, 2014a, p. 160).

Nesse sentido, Certeau (2014a) via a deterioração da cidade como um acontecimento simultâneo à degradação da vida cotidiana e à decomposição dos procedimentos e do pensamento que as organizaram. Ao invés de permanecer no terreno dos discursos estratégicos, apontava outro caminho: *a análise das práticas cotidianas, dos espaços urbanos e os modos de sociabilidades ativas*. Essa é uma orientação metodológica que busca construir uma virada do olhar analítico para a observação desses elementos que escapam à produção geral (estratégica) das cidades. Ao voltarem a atenção para essas questões, Certeau (2014a), com Giard e Mayol (2014b), restitui o espaço vivido – visto a princípio como resíduo do espaço abstrato e geométrico – e a inquietante familiaridade da cidade, para evidenciar o modo como as práticas cotidianas e urbanas transbordam as representações



conceituais e as imposições dos sistemas (incluindo o próprio urbano), insinuando-se em meio à racionalidades, procedimentos e espaços que são disciplinarizadores, normatizadores e niveladores.

Para tanto, é necessário contrapor as noções de produção e consumo colocando-se em perspectiva o homem cotidiano. Segundo Certeau (2014a, p. 38-39), há duas formas de produção: (i) uma “racionalizada, expansionista [...], centralizada, barulhenta e espetacular”, em que se encaixam as áreas definidas e ocupadas pelos sistemas, como da produção industrial, urbanística, alimentar, televisiva, comercial etc.; (ii) e outra produção “qualificada de consumo”, “astuciosa”, “dispersa”, que “não se faz notar com produtos próprios, mas nas suas maneiras de empregar os produtos impostos”. A análise das práticas cotidianas é realizada por meio do campo que essa segunda forma de produção instaura: o consumo compreendido no transbordamento das suas margens, relacionado ao uso, à apropriação e à fabricação dos consumidores.

Nessa perspectiva, o homem cotidiano é compreendido como um consumidor cultural, não passivo, também produtor, que fabrica algo a partir das representações e produtos que consome. Isso caracterizaria a cultura ordinária: “um consumo que trata o léxico dos produtos em função de códigos particulares”; da diversidade de situações, sociabilidades, interesses, contextos, temporalidades e espacialidades; e da repetição aparente dos objetos e relações sociais, usos e apropriações como reservas infinitas de diferenças (CERTEAU; GIARD, 2014b, p. 341). Esse movimento é contrário à função histórica da racionalidade técnica, que serviu, e serve, para organizar as pessoas e suas atividades, modulando e atribuindo lugares, papéis e produtos para serem consumidos.

A invenção do cotidiano, como trata Certeau (2014a, 2014b), revela a via em que os códigos e objetos são sutilmente e taticamente alterados por meio de uma produção qualificada (consumo não passivo), em que se estabelece as condições para a (re)apropriação do espaço e do tempo por meio do uso que cada um realiza em sua vida cotidiana. Portanto, para o autor o consumo é algo mais que uma prática ou um fenômeno puramente determinado e alienado da experiência humana. Ele diz respeito à recepção e à transformação de toda informação, comunicação, estímulos e objetos em algo qualitativamente diferente, configurando um momento pouco compreendido da produção e reprodução criativa do homem, do desenvolvimento de práticas que se fundam e ao mesmo tempo constituem o cotidiano.

Sob essa ótica, podemos entender, por exemplo, que historicamente grupos e famílias beneficiados por programas habitacionais populares são afetados por impactos sócio-espaciais negativos (periferização, espraiamento, mobilidade por grandes distâncias, descontinuidade dos serviços e equipamentos públicos no atendimento da população, homogeneização do espaço e a perda de referenciais simbólicos e culturais) que determinam obstáculos e dificuldades na reprodução material e cotidiana de suas vidas, principalmente para mulheres, crianças e idosos. Contudo, essa reprodução não se resume a um produto espelhado desse modelo de cidade, ela está em relação a ele mas também está além dele. As transformações arquitetônicas e de ocupação dos terrenos – como a adaptação residencial dos habitantes para agregar outras funções, espaços de prestação de serviços e comércios – e a constituição de grupos e espaços populares de cuidado e de promoção de atividades culturais, são exemplos da deficiência desses projetos em atender as demandas da vida cotidiana das populações. Mas, também evidenciam uma outra produção, de um consumo tático, popular e cotidiano, que marca as mudanças das dinâmicas urbanas, a produção-reprodução da paisagem urbana e dos modos de vida.

A cidade, nesse sentido, é obra e produto sociocultural da sociedade, integrando tanto as formações e estratégias hegemônicas quanto as práticas e táticas cotidianas. Ao reproduzirem-se, os homens ordinários também a produzem, continuamente, qualificando-a enquanto espaço habitado (vivido) e praticado, tencionando-a por meio das suas fabricações cotidianas (táticas), da realização de espacialidades e temporalidades, e dos processos de subjetivação que carregam.



3. A análise polemológica das práticas cotidianas

Como vimos, as práticas sócio-espaciais cotidianas podem revelar mecanismos de funcionamento da sociedade e oferecer ao olhar analítico uma abordagem que coloca o sujeito no centro das ações que realiza. À vista disso, Certeau (2014a, p. 72) estabelece dois níveis da realidade por meio dos quais é possível apreendê-las: (i) “um espaço socioeconômico, organizado pela luta imemorial entre poderosos e pobres”, que se constitui em rede de conflitos; (ii) um espaço utópico que busca construir um possível, revelando-se na denúncia de injustiças – “não só a dos poderes estabelecidos mas, de modo mais profundo, a da história” –, em que se reconhece uma “ordem das coisas”⁵. A tensão permanente entre esses dois níveis configura um espaço polemológico⁶, cuja natureza e dinâmica – da guerra, da guerrilha – podem ser compreendidas por meio dos conceitos de estratégia e tática (correspondentes aos níveis acima, respectivamente) que, por sua vez, caracterizam os tipos imprescindíveis das práticas cotidianas.

Segundo Quadros (2022, p. 23-24), no contexto da década de 1970, em que Certeau construía sua obra, havia na França um certo “anti-humanismo” associado à crítica aos poderes institucionais. O diagnóstico era que a categoria *sujeito* estava desacreditada e o *indivíduo* perdera o domínio de si mesmo, deixando de perceber o outro como um outro sujeito (QUADROS, 2022). De forma contrária a esse quadro, Certeau (2014a; 2014b) concebeu uma teoria por meio da qual a vida cotidiana se produzia e reproduzia num espaço de luta e conflito, daí o resgate da ideia de *polemos* (em grego). Nisso, se via na ação do mais fraco – “dos desapoderados perante o sistema de dominação” – uma semente (*polem*, em grego) de contestação e resistência (QUADROS, 2022, p. 24). Certeau (2014a), então, retoma alguns conceitos desenvolvidos pelo general prussiano Carl von Clausewitz para tentar captar as razões (*logos*) da luta cotidiana⁷, dentre eles as noções de estratégia e tática. Para o autor, a polemologia diz respeito ao entendimento das práticas cotidianas como defesas para a vida, como intervenções em meio à relações de forças que se configuram como um conflito permanente (CERTEAU, 1985). Em última instância, essa concepção aborda a cultura como inseparável de um combate constante e de uma luta cotidiana que marcam o quadro da modernidade e dos modos contemporâneos de produção-reprodução do capitalismo.

Estratégias e táticas estruturam o esquema polemológico de leitura da cultura, do cotidiano, do espaço e do tempo. A estratégia é organizada por meio do postulado de um poder e a tática é determinada pela ausência de poder. A primeira, em função do lugar de poder, constitui “lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes) capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem”, privilegiando, dessa forma, as relações espaciais (CERTEAU, 2014a, p. 96). A segunda, por outro lado, configura procedimentos (operações) que se valem das circunstâncias, criando situações favoráveis por meio de suas intervenções e dando, portanto, relevância ao tempo –

⁵ Uma leitura próxima à essa é realizada por Lefebvre (2006) ao evidenciar os desajustes entre tempos, espaços e o cotidiano, organizados e impostos por uma *ordem distante* (a do Estado e das relações globais), em contraposição à uma *ordem próxima* (da vizinhanças e das relações locais).

⁶ Polemológico é um adjetivo relativo à polemologia, que significa “estudo da guerra como fenômeno social autônomo” (POLEMOLOGIA. In: DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. Disponível em: Aplicativo Aurélio Digital. Acesso em: 14 fev. 2022). Para Certeau (2014a) a análise polemológica da cultura, do cotidiano, do espaço e do tempo, passa pela guerra (disputa, tensão) entre estratégias e táticas.

⁷ Segundo Quadros (2022, p. 24), Carl von Clausewitz, ao relacionar guerra e gestão política propunha que as batalhas fossem entendidas como “arte” (considerando-se o objetivo de estabelecer um modo de fazer), ao mesmo tempo que uma “ciência” (com a meta de atingir um saber). Para o autor, isso implica na ideia ambígua de “uma técnica do domínio que se coloca como saber-fazer e como arte-ciência, reunindo elementos que foram sendo distintos na história do pensamento ocidental (retornando à noção de *teknè* do grego clássico)” (QUADROS, 2022, p. 24). Contudo, ensinava Clausewitz apud Quadros (2022, p. 24) que a guerra “não pertence nem à arte nem à ciência, mas ao campo da vida social”.



“à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos” (CERTEAU, 2014a, p. 96).

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. (CERTEAU, 2014a, p. 45)

Muitas das práticas cotidianas (habitar, circular, falar, ler, fazer compras, cozinhar, conversar, brincar etc.) são do tipo táticas – maneiras de fazer que se realizam no seio de um conjunto desnivelado de relações de poder e que possibilitam vitórias do mais fraco sobre o mais forte, estabelecendo pequenos ganhos, sucessos, golpes, continuidades e descontinuidades. Trata-se de práticas que “produzem sem capitalizar”, isto é, “sem dominar o tempo”, e que colocam em contraste “a disparidade entre os espetáculos das estratégias globais e a opaca realidade de táticas locais” (CERTEAU, 2014a, p. 47-50).

[...] as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir. (CERTEAU, 2014b, p. 96-97)

Assim, um uso cotidiano e popular pode desfazer a fatalidade das ordens estabelecidas, modificar o funcionamento interno das estruturas e dos sistemas, ou recodificar a linguagem recebida em resistência. Nessa perspectiva, os diferentes tipos de linguagem (escrita, verbal, imagética, espacial, temporal etc.) são apreendidas como um conjunto de práticas cotidianas em que um pesquisador, um usuário e/ou um consumidor, podem se ver mutuamente implicados com a realidade cotidiana (CERTEAU, 2014a; 2014b).

Uma prática da ordem construída por outros redistribui-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e por referências utópicas. Aí se manifestaria a opacidade da cultura “popular” – a pedra negra que se opõe à assimilação. O que aí se chama sabedoria, define-se como trampolinagem, palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. (CERTEAU, 2014a, p. 74)

Nesse registro, as práticas cotidianas são multiformes, fragmentárias e expressam modos e maneiras de usar e utilizar. Elas estão relacionadas à uma lógica que Certeau (2014a, p. 41) identifica no princípio fundante das artes ou maneiras de fazer: “consumos combinatórios e utilitários” – uma arte



de combinar indissociável de uma arte de utilizar. Elas podem ser apreendidas em suas formalidades⁸, por meio de duas abordagens metodológicas relacionadas à realização de enquetes⁹: (i) primeira, de cunho descritivo com ênfase nas maneiras de fazer, selecionadas segundo algum interesse das estratégias de análise, buscando-se descobrir e ampliar as variantes diferenciadas; (ii) segunda, diz respeito ao emprego de literatura científica suscetível de fornecer hipóteses sobre a lógica das práticas cotidianas¹⁰. O autor chama a atenção para o fato de que a pesquisa das formalidades e a análise polemológica das práticas cotidianas precisam ser compreendidas em sua complexidade (extensão, linguagem de cada campo, formas de operação) e em relação a um dado contexto (situado no tempo e no espaço, ligado à situações sociais e à relações de forças), pois, constantemente, as investigações são superadas por novas lógicas que essas práticas apresentam, desconfigurando as relações internas de cada observação.

Nesse sentido, para a apreensão das práticas cotidianas, a historicidade social (em seus aspectos sócio-espaciais) é fator determinante, no qual os “sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos, mas como instrumentos manipuláveis por usuários” (CERTEAU, 2014a, p. 78). Esses princípios, abordagens e todas as áreas de reflexão com seus interesses, possibilitam um tipo de “travessia do campo cultural” que é realizada por meio de problemáticas e hipóteses a serem verificadas por “sondagens localizadas”¹¹, dado a diversidade e pluralidade de questões que atravessam as práticas cotidianas (CERTEAU, 2014a, p. 43). Esse exercício não pode se separar das relações e condições de força que constituem as sociabilidades de um território, de um lugar e dos espaços. O método e as práticas científicas não devem suplantar o contexto histórico e nem eliminar as operações dos usuários, suas práticas linguísticas e o espaço-tempo de suas táticas (CERTEAU, 2014a).

O que se observa é uma tentativa de apreender os tipos de operações que caracterizam o consumo (produção do homem cotidiano) na rede de uma economia e “reconhecer nessas práticas de apropriação indicadores da criatividade que pulula justamente onde desaparece o poder de se dar uma linguagem própria” (CERTEAU, 2014a, p. 43). Isso se realiza em meio à urgência e à insurgência das práticas populares – no âmbito das cidades e dos espaços urbanos estão situadas no “coração das praças-fortes da economia contemporânea”, por caminhos que podem indicar uma transformação

⁸ A pesquisa da formalidade das práticas cotidianas, embora tenha uma relação complementar, é essencialmente uma crítica sobre as pesquisas estatísticas dessas práticas. Para Certeau (2014a), a sondagem estatística só encontra o que é homogêneo, só consegue apreender o aspecto material das práticas e a nomeação de objetos que à elas se relacionam. A estatística não seria capaz de apreender as formas, ou melhor, a pluralidade e heterogeneidade de manipulações, discursividades combinadas, inventividades artesanais e de bricolagens. Por princípio, a estatística mantém a sua força calculista em função da capacidade de dividir, de fragmentar a análise, perdendo aquilo que julga procurar ou representar (CERTEAU, 2014a).

⁹ Para Certeau (2014a), a noção de enquete parece representar algo a mais que só um método de pesquisa utilizado para coletar dados, depoimentos e opiniões de um grupo predefinido de entrevistados para obter informações sobre um ou vários tópicos específicos de interesse. O autor aponta o exercício monográfico (descritivo), construído por meio da enquete, como forma de recompor o emprego das práticas cotidianas ao espaço e tempo vividos.

¹⁰ Certeau (2014a, p. 42) sugere três conjuntos de campos de interesse particular para o estudo das formalidades das práticas cotidianas: (i) trabalhos sociológicos, antropológicos e históricos sobre o desenvolvimento de teorias dessas práticas, envolvendo ritos e bricolagens, manipulações de espaços e operações em rede; (ii) pesquisas etnometodológicas e sociolinguísticas que se ocuparam em destacar os processos de interações cotidianas relativas à estruturas de expectativa, negociação e improvisação; (iii) semióticas e filosofias da “convenção”, as lógicas formalizadas e sua extensão à filosofia analítica nos domínios da ação, do tempo ou da modalização.

¹¹ Esse procedimento se assemelha às operações do método proposto por Giannini (2004), reconhecido como *arqueologia da experiência*. Pais (2003) observa que estas noções de sondagem e arqueologia são muito utilizadas como ferramenta de identificação e explicitação das abordagens de aproximação à vida cotidiana.



do objeto de estudo e do lugar de onde se estuda (CERTEAU, 2014a, p. 82). A diferença e a tensão entre as operações cotidianas e o campo de forças em que se situam, e que determina a noção de uma análise polemológica da cultura, do cotidiano, do espaço e do tempo, fundamenta o sentido da busca por entender e distinguir os tipos de operações (ações) no interior das redes de consumidores pelo sistema de produtos. Além disso, também estabelece “distinções entre as margens de manobra permitidas aos usuários pelas conjunturas nas quais exercem a sua arte” (CERTEAU, 2014a, p. 43-44). Na análise polemológica considera-se que a figura de uma marginalidade não corresponde mais a pequenos grupos, mas às práticas das massas (universalizada, de uma maioria silenciosa) – como uma espécie de “atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que no entanto pagam, comprando-os, os produtos espetáculos onde se soletra uma economia produtivista” (CERTEAU, 2014a, p. 43).

Em se tratando da compartimentalização e da fragmentação dos tempos e espaços – que se institui como “lógica disjuntiva da especialização pelo e para o trabalho” –, as massas não lhes conferem correspondência em seus “rituais conjuntivos de comunicação” (CERTEAU, 2014a, p. 83-84). No limite, as práticas cotidianas das massas configuram-se em “práticas do desvio” ou da “dissimulação econômica”, como “retorno de uma ética sociopolítica a um sistema econômico” (CERTEAU, 2014a, p. 84). Por isso, o cotidiano e suas determinações sociais e políticas ganham especial interesse na medida em que a sua instauração (invenção-produção) expande as fronteiras por meio de uma vontade totalizante, em que se percebe os efeitos da degradação sociocultural mas também os artifícios das subversões. As táticas de consumo (produção) articulam as “engenhosidades do mais fraco para tirar partido do forte”, e isso leva à uma politização das práticas cotidianas (CERTEAU, 2014a, p. 44).

Sob esse ponto de vista, a Cultura é uma espécie de modelo que articula conflitos e desloca ou controla a razão do mais forte, desenvolvendo-se por meio de tensões, violências e estratégias que determinam e fornecem “equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários” (CERTEAU, 2014a, p. 44). Segundo Perrot (1998), a relevância política das práticas cotidianas e do homem ordinário emerge da problemática da atomização do tecido social; donde Certeau (2014a) recusa todo individualismo metodológico para reivindicar as conquistas da história social e cultural – a compreensão de que cada individualidade é também o lugar em que se movimenta uma pluralidade incoerente por meio de um amplo conjunto de determinações relacionais. A problemática da cultura, no que se refere à dimensão do cotidiano, está situada entre dois polos que opõem as “lógicas do fazer à lógica dos fatos, a arte das táticas às ciências dos ordenamentos estratégicos, as astúcias da ação aos enquadramentos operatórios dos espaços sociais ou simbólicos” (CHARTIER; HÉBRARD, 1998, p. 30).

Nesse enquadramento, outra questão fundamental é o fato de que os fazeres comuns da vida cotidiana (táticas de consumo) não podem ser restituídos no espaço racional e abstrato da cultura erudita e tecnocrática. Na análise polemológica ilumina-se esses polos de operações dando ênfase às táticas de consumo ao estabelecer o contraste com a pragmática das temporalidades e da classificação ordenada dos espaços. Estas proposições possuem implicações diretas sobre a abordagem das pesquisas sócio-espaciais sobre a vida cotidiana e na interpretação das experiências e dos aspectos espaço-temporais que as operações e práticas cotidianas assumem. Do ponto de vista da crítica às ciências sociais ainda se pode destacar:

[...] que por sua construção, as ciências sociais estabelecem como cognoscível, e portanto, como pensável, o que permanece: os saberes, os hábitos, as regras, as estratégias, os dispositivos, as instituições. Aqui, ao contrário, trata-se de fornecer os meios de reconhecimento do efêmero, da ocasião aproveitada ou perdida, desse fazer que não capitaliza seus efeitos em um lugar definido, breve, de como “se” praticam comumente, isto é, no dia a dia, de maneira indefinidamente recorrente e nunca idêntica, os espaços ordenados que não “se” construiu nem se



quis, mas dos quais “se” é simplesmente usuário. (CHARTIER; HÉBRARD, 1998, p. 31)

Antes de serem um dado, as práticas cotidianas são um conjunto de relações que operam por trajetórias não previsíveis, estabelecendo efeitos que não podem ser medidos por códigos pré-determinados, mas avaliados na relação com esses códigos e sua capacidade de transfigurá-los ou contorná-los. Por isso mesmo, vale destacar, que essas condições resultam sempre num quadro de tensão epistemológica que vai atravessar a análise sócio-espacial e a cultura como práticas, como artes de fazer. A posição técnica de Certeau (2014a; 2014b) é a de seguir os caminhos da cultura cotidiana; diferentemente de realizar um “inventário do espaço textual do mundo” (CHARTIER; HÉBRARD, 1998, p. 31).

A partir dessas articulações conceituais, pode-se apontar, resumidamente, três modos operacionais por meio dos quais é possível estruturar a análise polemológica das práticas cotidianas:

[...] pesquisa das problemáticas suscetíveis de articular o material coletado; descrição de algumas práticas (ler, falar, caminhar, habitar, cozinhar, etc.), consideradas significativas; extensão da análise dessas operações cotidianas a setores científicos aparentemente regidos por outro tipo de lógica. (CERTEAU, 2014a, p. 44)

Essa proposição busca estabelecer comunicações entre diferentes escalas (micro e macro, local e global), atentando-se à reciprocidade entre os polos da tática e da estratégia. Como já foi destacado, suas operações se intercambiam, de modo que a primeira irrompe a segunda. A organização científica do trabalho, por exemplo, culmina na dupla racionalização do espaço e do tempo e é um fator constante de limitação das margens de manobra. No entanto, as astúcias dos usuários insinuam-se no próprio centro do sistema. A cidade, nesse caso, representa um campo privilegiado das práticas ordinárias e operações táticas, muito mais que os espaços cerrados e as arquiteturas panópticas como são alguns locais de trabalho ou como são as fábricas.

Do ponto de vista do conhecimento, Certeau (2014a; 2014b) chama a atenção para o fato de que os espaços-tempos de ação, envolvidos na análise polemológica das práticas cotidianas, levam ao questionamento das estruturas clivadas (fragmentadas e divididas) que ainda os veem à margem ou totalmente ausentes das epistemologias da ciência. Contudo, as consequências disso não dizem respeito apenas à produção do conhecimento, mas ao próprio estatuto do sujeito nos sistemas técnicos e nas atividades especializadas, uma vez que “o investimento do sujeito diminui à medida de sua expansão tecnocrática” (CERTEAU, 2014a, p. 50).

Cada vez mais coagido e sempre menos envolvido por esses amplos enquadramentos, o indivíduo se destaca deles sem poder escapar-lhes, e só lhe resta a astúcia no relacionamento com eles, “dar golpes”, encontrar na megalópole eletrotécnicizada e informatizada a “arte” dos caçadores ou dos rurícolas antigos. A atomização do tecido social dá hoje uma pertinência política à questão do sujeito. (CERTEAU, 2014a, p. 50-51)

Assim, as maneiras de se reapropriar dos sistemas e códigos produzidos utilizam de recursos e técnicas que permitem reconhecer procedimentos, novas estruturas e funções, outras espacialidades e temporalidades das práticas cotidianas. Outras lógicas que atravessam e estruturam o campo de análise dessas práticas podem ser observadas, como os jogos, os contos, as artes de dizer, os relatos, as técnicas de espaço etc. Todas elas se deslocam momentaneamente do cotidiano para a ele retornar ou modificar, criando operações disjuntivas (produtoras de acontecimentos diferenciadores), repertórios de esquemas de ação, sucessões de manipulações e combinações espaciais com regras, dados, práticas, funções, formas, estruturas e conflitos. Em suma, estas lógicas-ferramentas possibilitam uma aprendizagem e uma análise sobre a “arte de viver no campo do outro” (CERTEAU,



2014a, p. 81).

É fundamental para esse processo de investigação que se reconheça as diferenças (sociais, econômicas, históricas, espaciais) entre os praticantes (habitantes, usuários, consumidores) e os analistas (técnicos, especialistas) sem que “nenhum espaço, nem legendário ou ritual, possa instalar-se na certeza da neutralidade” (CERTEAU, 2014a, p. 81), sob a consequência de que:

[...] a ruptura ou o corte entre o tempo das solidariedades (o da docilidade e da gratidão do pesquisador para com seus anfitriões) e o tempo da redação que põe à mostra as alianças institucionais (científicas, sociais) e o lucro (intelectual, profissional, financeiro etc.) tenha objetivamente nessa hospitalidade o seu meio. (CERTEAU, 2014a, p. 81-82)

A noção de uma análise polemológica da cultura, do cotidiano, do espaço e do tempo se estende, portanto, do espaço polemológico (tensão entre o espaço socioeconômico / campo das estratégias e o espaço utópico / campo das táticas) ao espaço e às artes dos saberes, isto é, à tensão entre praticantes e técnicos, entre conhecimento científico e senso comum. As práticas cotidianas, enquanto táticas populares de consumo-produção, instituem uma ordem que é representada por uma arte, estabelecendo estilos de invenções técnicas, de trocas sociais e de resistência moral, que podem ser resumidas em três aspectos: “uma economia do ‘dom’ (de generosidades como revanche), uma estética de ‘golpes’ (de operações de artistas) e uma ética da tenacidade (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou de fatalidade)” (CERTEAU, 2014a, p. 83).

Com base no esquema polemológico proposto por Certeau (2014a, 2014b), pode-se entender que ele oferece uma atualização da generalização e da expansão da racionalidade econômica e tecnocrática (na escala da história contemporânea) que ainda conseguem dispersar, fragmentar e às vezes destruir, as práticas cotidianas do tipo tático entre as malhas dos sistemas, desalojando-as das unidades locais e das comunidades e grupos tradicionais, tirando-as de órbita e deixando-as vagar sobre um espaço (cotidiano e urbano) que se homogeneiza e se amplia. A contribuição de Certeau (2014a; 2014b) é relevante por ser estratégica para um pensamento urbano socialmente crítico, pois sugere que se apreenda o cotidiano através das práticas dos habitantes (consumidores, praticantes, usuários), tendo como ponto de partida aquelas que são do tipo tático. Esta orientação teórico-metodológica recoloca o espaço sob o prisma da apropriação do tempo.

4. Considerações finais

O trabalho de Certeau (2014a; 2014b), parcialmente tratado aqui, traz uma série de contribuições que vão se acumulando como um tipo de caixa de ferramentas que permitem auscultar as possibilidades produzidas e fabricadas pelo homem ordinário na sua experiência cotidiana, vivida nas cidades e centros urbanos. Sua visão abarca um tipo de descrição da vida cotidiana: como campo cultural, “onde a maioria silenciosa se expressa – contra a ordem dominante – mediante suas próprias artes de fazer” (HERCEG, 2014, p. 176, tradução nossa). Essa proposta integra um programa de pesquisa que coloca em evidência as práticas cotidianas e as modificações pelas quais passa a vida cotidiana, fundamentalmente relacionadas à produção-reprodução do espaço, seu uso e apropriação. Dentre as componentes da vida cotidiana, as práticas oferecem a porta de entrada para a investigação dos elementos que atravessam as relações sócio-espaciais, elas constituem a própria linguagem do cotidiano.

A noção de consumo dos produtos culturais (incluindo-se o espaço) coloca em relevo as práticas cotidianas como uma forma de produção-reprodução sociocultural criativa, manipulativa, polemológica e antidisciplinar. Na qualidade de usuário, o homem em seu cotidiano articula maneiras de fazer como sendo as práticas por meio das quais se reapropria do espaço organizado pelas técnicas da produção organizada. O cotidiano constitui uma essência da cultura moderna e contemporânea, é produzido e praticado, sob usos e apropriações espaciais e temporais.



As operações do homem cotidiano (artes de fazer) servem de base para a construção de informações e de conhecimentos acerca da realidade urbana e cotidiana, contrapondo-se à modelagens que se baseiam em *corpus* de informações monolíticas e pré-determinados. Essas operações colocam para os técnicos, especialistas e para a produção de conhecimento três aspectos indissociáveis para a orientação de suas práticas: o estético, o polemológico e o ético. O esquema de análise polemológica não só dá relevo ao cotidiano, mas também ao campo de forças, disputas e tensões que marcam as territorialidades nos espaços urbanos. Ele dialoga com as práticas nas suas dimensões cotidiana, espacial e temporal, como elementos fundantes de uma política (ou politização) dessas mesmas práticas sociais.

Pode-se dizer que a arte inventiva do cotidiano, como é abordada por Certeau (2014a; 2014b), se diferencia dos modelos teóricos que criam espaços (representados por diferentes disciplinas e atividades técnicas e profissionais) isolados das circunstâncias concretas da cotidianidade. A cidade é posta em perspectiva sob um campo mais amplo de complexidades – a vida cotidiana em seus aspectos sócio-espaciais e atravessada pelo campo da cultura. De outra parte, o lugar do pesquisador/técnico (arquiteto e urbanista) deve ser questionado e tensionado em relação ao contexto da divisão que se estabeleceu nas sociedades técnicas: entre as discursividades reguladoras que mantém uma racionalidade estanque, e as narratividades das trocas massificadas que multiplicam as astúcias e práticas que, por sua vez, permitem ou obstaculizam uma circulação dentro das redes de poderes, lugares e espaços (CERTEAU, 2014a).

Portanto, o conjunto de reflexões trazidas aqui incidem sobre como o uso e apropriação, realizados e fabricados por meio das práticas cotidianas, afetam e modificam (com astúcia) a reprodução e a produção das relações sociais e dos modos de vida no interior de um espaço social, cultural, habitado, praticado e/ou vivido – “o que torna a cidade habitável não é tanto sua transparência utilitária e tecnocrática, mas antes a opaca ambivalência de suas estranhezas” (CERTEAU; GIARD, 2014a, p. 191).

5. Referências

CERTEAU, Michel de. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: SZMRECSANYI, Maria Ivone (Org.). Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano. São Paulo: FAU/USP, 1985. p. 3-19. Anais do Encontro.

_____. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, [1980] 2014a.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, [1980] 2014b.

_____; GIARD, Luce. Os fantasmas da cidade. In.: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, [1980] 2014a. p. 189-202.

_____. Uma ciência prática do singular. In.: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, [1980] 2014b. p. 335-342.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. Projeto História, São Paulo, v. 17, p. 29-44, 1998.

GIANNINI, Humberto. La “reflexión” cotidiana: hacia una arqueología de la experiencia. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2004. {1987}

GREGÓRIO, Maycow N. C. Planejamento urbano e vida cotidiana: fundamentos teórico-metodológico para análises sócio-espaciais. 332 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano, Curitiba, 2021.



HERCEG, José Santos. Cotidianidad: trazos para una conceptualización filosófica. *Revista Alpha*, Osorno, v. 1, n. 38, p. 173-196, 2014a.

KAPP, Silke. Grupos sócio-espaciais ou a quem serve a assessoria técnica. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 221-236, mai/ago. 2018.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000) Primeira versão, 2006.

PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana. *Análise Social*, Lisboa, v. 22, n. 90, p. 7-57, 1986.

_____. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 107-128, jan./jul. 2013.

_____. *Vida cotidiana: enigma e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. As “artes da memória” em Michel de Certeau. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p. 17-38, jan./abr. 2022.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

WALKER, Enrique. *Lo ordinário*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.



Maycow Nathan Carvalho Gregório

Arquiteto e Urbanista, graduado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Planejamento Urbano pelo Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano da Universidade Federal do Paraná (PPU/UFPR). Estuda sobre projeto, ensino e teoria crítica da arquitetura e do urbanismo, produção do espaço cotidiano e metodologias da pesquisa sócio-espacial.

Contribuição de coautoria: Concepção; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

Isabela Giorgiano

Arquiteta e Urbanista, graduada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestra em Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia (PPGAU/UFU). Estuda sobre processos projetuais e criativos; a transdisciplinaridade nos processos projetuais; improviso em dança; e as relações entre corpo, espaço e tempo, principalmente as corpografias, as movimentações corporais, e a relação corpo-cidade.

Contribuição de coautoria: Visualização; Redação – revisão e edição.

Como citar: GREGÓRIO, Maycow N. C.; GIORGIANO, Isabela. Contribuições teórico-metodológicas do esquema polemológico de Michel de Certeau para a análise sócio-espacial das práticas cotidianas. Revista Paranoá n.33, jul/dez 2022. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n.33.2022.20.

Editoras responsáveis: Maria Fernanda Derntl e Carlos Henrique Magalhães.

Assistente editorial responsável: Irina Oliveira e Sara Zampronha.